

---

## ENTREVISTA COM WILLIAM F. PINAR

Maria Luiza Süsssekind<sup>(\*)</sup>



William Frederick Pinar nasceu em Huntington, no estado de West Virginia, em 27 de Agosto de 1947. Foi criado na Nova Inglaterra sendo, segundo ele, um *bom estudante de professores frequentemente animados e dedicados*. Entrou na universidade para estudar música (saxofone e piano) mas transferiu-se para a área de estudos em língua e literatura. Ensinou Inglês como professor de High School (Ensino Médio regular público em 4 anos) e doutorou-se pela Universidade Estadual de Ohio. Trabalhou em Rochester, Alberta, New York University; fundou as Sociedades Americana e Internacional de Estudos Avançados em Currículo (AAACS e IAACS); trabalhou por 20 anos na Universidade do Estado da Louisiana (LSU), experimentando o gosto conservador e multicultural do sul.

---

<sup>(\*)</sup> Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Pós-doutora em Currículo pela Universidade da Columbia Britânica/UBC sob a supervisão de William F. Pinar de Novembro de 2011 a Maio de 2013.

---

William F. Pinar é o nome central na Reconceitualização do campo do currículo ocorrida na década de 1980 nos EUA. É hoje uma celebridade acadêmica nos EUA e na Europa, Turquia e China, e dá aulas na Universidade da Columbia Britânica no Canadá. Sua *pièce-de-résistance* é o livro cinco vezes republicado desde 1995, apesar das 1143 páginas, *Understanding Curriculum*. Um retrato do campo, um marco tanto por sua densidade quanto pelas questões epistemológicas, e, também, porque trazer um tipo incomum de escrita acadêmica que dispensa o consenso.

Pinar vem frequentemente ao Brasil falar em seminários e conferências, mas vem também para ouvir o som das ondas quebrando na praia de Copacabana, como ele me escreveu uma vez. A entrevista abaixo contém trechos inéditos das tantas horas em que gravamos nossas conversas além de partes do livro “Quem é William F. Pinar”<sup>1</sup> composto de uma longa entrevista feita por mim nos meses em que trabalhamos juntos. Toda vez que eu penso em Bill e sua escuta sensível revigoro meus sonhos e minha luta por escolas onde as conversas complicadas incorporam as práticas em currículos e professores são reconhecidos por seu papel principal de criadores de conhecimentos.

\*\*\*

**Teias/AbdC:** Por que o currículo é uma conversa complicada?

**William F. Pinar:** Bom, é uma conversa porque as pessoas estão falando umas com as outras. E porque os professores falam não só com seus estudantes mas com seus próprios mentores, suas próprias experiências e com seus conteúdos, pois os conteúdos em si mesmos são conversas. Embora num livro didático as conversas possam ser apresentadas como séries de fatos, elas representam um tipo de tentativa de acordo sobre o que é a verdade, sobre isso ou aquilo. E, assim, as conversas são marcadas pelo seu tempo e possuem uma certa direção ou argumento e de certo modo as conversas movem-se em direção a isso.

E são conversas complicadas pela falta de transparência ou autotransparência. É complicada pelo quanto os professores e estudantes são opacos para si mesmos e para os outros. Especialmente numa sala de aula com um certo número de estudantes, é como ter um lampejo, certo? Você não acha que o professor tenta ver tudo, que ele tenta perscrutar, ouvir os silêncios e ler nas entrelinhas? Que o professor, ao olhar de soslaio os olhos dos estudantes, tenta ver quem é quem? Bom, isso acontece de um modo que complica a conversa. Por exemplo, se você estiver aberto para a realidade da outra pessoa, você diz as coisas de forma um pouco diferente e sem trair a princípio o que é que você quer dizer; por isso é, inevitavelmente, uma conversa complicada. Essa conversa

---

<sup>1</sup> No prelo.

---

também é complicada por ser informada, é claro, por aquilo que acontece e aconteceu fora da sala de aula, como nas famílias dos alunos. A conversa é complicada porque acontece entre todos na sociedade.

**Teias/ABdC:** E a conversa complicada que é o currículo acontece também com a cultura? E como você relaciona isso com política?

**William F. Pinar:** A cultura, exato. A nação, o momento no planeta e tudo o mais. Então, há tantos diferentes aspectos que se apresentam simultaneamente... grandes e pequenas coisas. E, claro, as pequenas e grandes coisas se relacionam. Bem, a política está, claro, por toda parte. As políticas são incorporadas nos livros, são incorporadas na organização da escola, que se traduz em exigências feitas aos professores e aos alunos.

**Teias/ABdC:** As provas e as avaliações governamentais complicam esta conversa?

**William F. Pinar:** Nada pode arruinar tanto uma conversa como aplicar um teste ao final! Por exemplo, se você, professora, vai dar um teste ao final da aula e este não é baseado no que aconteceu ali, então já é uma prova padronizada. Então provavelmente você teria alguma ideia geral do que se tratava, do que ocorreria em sua aula. Mas você não sabe que assuntos apareceriam! Então, todos nós estamos nesse tipo de jogo de adivinhação que, sim, estraga a espontaneidade e a autenticidade da conversa.

Ah... avaliações. Eu só posso imaginar esta avaliação *padronizada* como uma coisa boa se estivéssemos em uma situação em que eu fosse racista e eu quisesse lhe dar uma nota ruim, porque eu não gosto de você. Portanto, fazer uma prova padronizada seria uma proteção. Eu posso imaginar uma situação como essa. Mas, nos tempos atuais, as avaliações parecem mais inclinadas a provar que as professoras são incompetentes e realmente isso faz vítimas por todos os lados.

**Teias/ABdC:** Ao falar do livro *Understanding Curriculum* alguns críticos sugerem que você moveu o campo em direção às perspectivas pessoais para o entendimento do currículo em detrimento de uma visão socioeconômica. Existe um paradigma do entendimento? Quem ganhou a batalha no campo do currículo?

**William F. Pinar:** Eles! Os teóricos políticos venceram. E eu não *movi o campo para uma perspectiva mais pessoal*, tanto que *poder* se tornou uma categoria central. Mesmo quando, nos anos 80, identidade e multiculturalismo se tornaram mais importantes que poder, ainda era num contexto de resistência, ou da teoria da reprodução. Ainda havia um certo culto da vitimização e Foucault na base de tudo. Até o pós-estruturalismo era o mesmo. O reino do pessoal tinha sempre fenômenos secundários ao político, ao multicultural, ao discursivo.

---

Então, eu não acho que... Bom, eu nunca *tentei vencer trazendo o currículo para o reino pessoal*. A autobiografia, insisto, é a linha de pesquisa à qual eu mais me refiro. Mas eu acho que, naquela época, a política convencional havia falhado, e eu achei que a ideia de ideologia era incompleta por não endereçar questões à subjetividade. Eu me foquei basicamente nessa corrente autobiográfica e não reconheci o papel da política e da história na medida em que eu viria a reconhecer depois. Era isso que eu tinha em mente. Não era nada completamente único como os estudos do cotidiano, como aparecem em minha pesquisa sobre o Brasil (PINAR, 2011)<sup>2</sup>, e que são particulares nesse *mix* de influências: marxismo, fenomenologia, história e sociologia francesas; uma interessante mistura de agenda e manifesto que representa intencionalmente uma grande contribuição para o campo, internacionalmente.

Durante meus primeiros anos em Rochester pensei na autobiografia como um meio de reformulação para os estudos em currículo. Obviamente, os marxistas não compreenderam o que eu propunha e fui criticado por dar ênfase autobiográfica como se aquilo fosse um narcisismo burguês em vez de uma desterritorialização do projeto político em que muitos de nós havíamos nos envolvido durante os anos 1960 .

Houve então outros que se destacaram fazendo estudos autobiográficos em currículo metamorfoseando-os em investigação narrativa. A partir da fenomenologia eu me aproximei de compreensões pós-estruturalistas da subjetividade e da sociedade. Eu e muito outros influenciados por Foucault, inicialmente através das falas e traduções de Peter Taubman. Depois fomos todos seduzidos por Derrida e Deleuze, primeiro através dos brilhantes Jacques Daignault e Clermont Gauthier, que começaram a frequentar Bergamo no início de 1980, e eu mais tarde, inspirado pela minha colega da LSU Denise Egea-Kuehne e o grande Ted Aoki, que também fez uma viagem semelhante da fenomenologia para o pós-estruturalismo.

Convicto de que a consolidação dos ganhos intelectuais da Reconceitualização exigia uma institucionalização necessária, assumi a coordenação do Departamento de Currículo e Instrução na Louisiana State University em 1985, para efetuar a contratação de jovens Phd's para institucionalizar a Reconceitualização e decidi começar o livro.

Foram dias inebriantes, a LSU era um lugar hospitaleiro e intelectualmente estimulante. Bergamo foi atingindo seu ápice no final dos anos 1980. Eu, então, comecei a narrar a Reconceitualização. Esse projeto ameaçava me dominar, e por isso convidei três ex-alunos de

---

<sup>2</sup> PINAR, W. F. (Ed.) *Curriculum Studies in Brazil: Intellectual Histories, Present Circumstances*. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

---

doutorado – William Reynolds, Patrick Slattery, e Peter Taubman – para se juntarem a mim no que se tornou *Understanding Curriculum* (1995).

**Teias/ABdC:** Seu amigo e colega, contratado por você na LSU, famoso por trazer a Complexidade e a Teoria do Caos para o campo do currículo, William E. Doll disse que você foi o maior responsável por dar novo sentido à palavra currículo, passando de nome a verbo. Nesta mudança houve o deslocamento do paradigma... Você planejou isso?

**William F. Pinar:** Não inicialmente. No princípio, eu queria realmente complementar dando ênfase a algo, e usei a palavra *existência*, de Sartre, na verdade. Mais tarde eu usaria *experiência vivida*, mas eu só queria enfatizar a experiência. Em parte, eu trouxe isso de Dwayne Huebner: a ideia de que a experiência é importante. Para ele, a categoria central é experiência educacional, e confesso que continuo a me engalfinhar com isso. Por isso, naquela época, eu peguei o infinitivo, e durante um tempo quis trocar, mas fico com ambas partes do discurso: experiência como verbo e substantivo. E é incrível como a palavra reverbera entre as pessoas e elas a usam de milhões de diferentes formas.

Vivíamos em Rochester<sup>3</sup> num tipo de grupo, cinco pessoas na casa, e toda noite bebíamos cervejas e falávamos rindo e ouvindo música. Eu me lembro de estar na mesa da cozinha escrevendo o artigo “Currere”, de 1975, com uma bagunça em volta com pessoas de um lado para o outro, e não creio que esta cena seja nela mesma uma inspiração mas, certamente, era, em certo sentido, a vida real, e pessoas basicamente se divertindo mas muitas vezes seriamente envolvidas com o que significa estar vivo naquele momento, naquele lugar e com o outro. Éramos todo tipo de revolucionários estudantis derrotados ficando velhos com nossos 20 e poucos anos e por diferentes razões estávamos naquele lugar. E o olhar realmente estava mudando, das ruas para a psique e para as relações sociais, e, mais, as questões de gênero estavam começando a acontecer então.

Logo, pareceu-me quase óbvio que um curso, um estudo, um currículo pudesse comprometer-se consigo mesmo, não necessariamente um que fosse prescrito pelo governo. Como aquela geração se comprometeu, como a história nos forçou a comprometer-se. E tudo isso teve a ver com *experiência*. E com *fluir* mas não no sentido de *representar*, obviamente, mas de passar pelo que estava acontecendo, experimentar, mais que tentar fazer algo acontecer. E continuamos sentindo que queríamos, sabe, experimentar mais... Isso deu origem ao Currere, que é o currículo como verbo e autobiografia.

---

<sup>3</sup> Universidade no estado de Nova Iorque.

---

**Teias/ABdC:** Penso que isto abriu caminho para uma ideia de currículo que dá poder aos professores.

**William F. Pinar:** Sim!

O *indivíduo* sempre existiu como conceito, embora nunca se tenha pretendido que ele existisse, de fato. Sem poder. Era um tipo de desvio da norma, um tipo de lugar de ajuste ou de instrução, avaliação, ritmo ou compasso, mas nunca se pareceu com uma pessoa. Mas, ocasionalmente, isso ia aparecer.

Neste sentido, eu acho a ideia de que ensinar é como tocar jazz uma boa ideia sobre o que é o trabalho do professor. No jazz parece que nada está acontecendo, mas os músicos são incrivelmente disciplinados, conhecem seus instrumentos muito bem... e eles sabem como conversar entre eles de um modo muito complexo, inventivo e espontâneo que também comunica com a audiência. Jazz também é uma conversa complicada.

Entre o que se sabe e o improviso depende-se do humor, do momento, da audiência, das pessoas com quem você está brincando ali... Mas claro que quanto mais sabemos do nosso instrumento melhores músicos e professores seremos. É o que te dá mais estofamento para arriscar algo diferente, desenhar um planejamento curricular.

Mas, por outro lado, nem sempre o que ocorre ao pensar os currículos a partir das experiências é a valorização da subjetividade... Havia a Associação para Supervisão e Desenvolvimento Curricular (ASCD) e no Anuário de 1962 eu li algo chamado “Percebendo, Comportando-se e Sendo” e [sei que soa terrível] para mim isso é o cúmulo da nossa tentativa de *mudar* para a experiência. Ao ponto de burocratizar e instrumentalizá-la, e transformar em *slogans*. Mas havia alguma sinceridade, embora soe superficial e patético, que me encorajou também.

**Teias/ABdC:** Assim você deixa claro o porquê de escrever sobre sua experiência como professor de escolas. Minha questão ligada a essa é: O conhecimento escolar que nós, professores e professoras, experienciamos é diferente do científico?

**William F. Pinar:** Claro que é diferente, mas dizendo isso eu não quero sugerir que o conhecimento trabalhado pelos professores e estudantes nas escolas é arbitrário ou não científico, não confiável ou *apenas* subjetivo – nenhuma dessas coisas, apesar de ser todas elas... Mas há nele um elemento quase científico, por ser sistemático, se tomarmos apenas suas formas exteriores como a constância. Mas é uma sala de aula com crianças! E os professores levam isso em conta! E aprendem a trabalhar com tudo isso *a partir de dentro*, entendendo os livros, os materiais, como um certo tipo de controle, embora superficial, sobre as variáveis de uma sala de aula, e fazendo ajustes.

---

Para os que acreditam que a rotina é uma boa coisa, o conhecimento escolar é, nesse sentido, *quasicientífico*. Mas, para mim, é  *muito* mais que isso...

Eu venho focando meus estudos no conhecimento acadêmico e em como posso usá-lo para discutir e conectar com os alunos, para nos comunicarmos. Para nos expressarmos, seja pessoal ou impessoalmente, comunicando os conhecimentos que temos através do que se debate/estuda. Isso não significa que se pode dizer algo completamente fora do assunto da aula, claro, mas o conhecimento acadêmico provou ser tão crucial para eu me tornar mim mesmo e aprender a me comunicar com os outros que...

Conseguiremos nos livrar desse modelo de disseminação e transmissão? Algum dia vamos nos livrar das aprendizagens forçadas?

Como um meio através do qual encontramos com o outro, parece-me que na sala de aula o conhecimento acontece quando percebe-se uma certa excitação na conversa. Mas provocar isso não é apenas uma habilidade, não é algo que se reduz a uma fórmula... Parcialmente, ao menos, existem os conhecimentos e as sensibilidades trazidos pelos estudantes. E, muito além da formação profissional, os professores têm que saber coisas. Eu acho que é por isso que prefiro que os professores façam cursos sobre História ou Literatura e não só Educação. Não é para se tornar historiador mas para ter chaves de entendimento, conhecer história, para usá-la para se comunicar sobre o que está acontecendo no mundo e consigo mesmo.

E para isso é preciso ter muito conhecimento. Então eu venho escrevendo uns textos curtos, para apresentar aos professores algumas compilações em certos assuntos que são, obviamente, urgentes para mim, como as políticas raciais e de gênero e coisas que podem ser feitas dentro dos estudos em currículo. E acho isso muito melhor do que ficar falando sobre como o mundo poderia ser melhor ou ficar criticando as pessoas por não *serem* de tal modo.

Um desses capítulos fala sobre como o gênero permeia tudo, inclusive a questão racial. Trato da desigualdade racial como hierarquia e dominação que gera uma violência que é sim racial mas tem gênero, é, digamos, sexuada. Óbvio, penso, que as escravas eram estupradas e molestadas desde crianças, mas isso não é tão óbvio em relação aos homens. Então trago entrevistas atuais com homens negros sobre o porquê de terem estuprado brancos mais jovens e eles afirmam não ter sido um ato sexual para eles, mas racial (e é claro que *era*). Estes homens negros são identificados como heterossexuais pois a questão ali é racial...

**Teias/ABdC:** Então para você a conversa complicada que é o currículo é de certo modo balizada pela questão de gênero...

---

**William F. Pinar:** Exato.

Eu não consigo imaginar outra profissão em que os profissionais sejam instados a ter planejamentos tão elaborados sobre o que vão fazer. Digo, médicos seguem protocolos mas possuem sua *expertise*, seus conhecimentos e experiências respeitados. Eu vejo isso como controle do estado e da sociedade sobre a escola como instituição. Vejo isso em relação ao trabalho dos professores, *digo professoras*, como desrespeito, desconsideração e censura.

Acho também que existe uma questão de gênero nesse contexto pois os planejadores e a sociedade são machistas e querem *livrar* as escolas e seus futuros líderes, homens, dos possíveis conteúdos femininos que as professoras poderiam passar se tivessem liberdade fora dos planejamentos e currículos preestabelecidos e governamentais. Deste modo as professoras precisam seguir um roteiro.<sup>4</sup> Mas mesmo assim existe improvisação, certo?

Bom, eu não diria que é assim em todos os lugares pois existem particularidades nacionais, mas nos Estados Unidos que eu estudei mais me parece bastante claro que enquanto ao se reconhecer o currículo em termos de raça e gênero as ações de políticos e legisladores poderão ser entendidas como esforços simbólicos e indiretos de controlar as condutas relativas aquilo que eles imaginam que elas estão fazendo suas crianças, especificamente seus filhos. Ou seja, é uma forma patriarcal de controle de gênero e penso, é racializada.

Escamoteado diante das professoras negras já que sequer podem imaginá-las educando seus filhos homens, os legisladores e políticos estão preocupados com os comportamentos sexualmente agressivos dos meninos negros que as professoras brancas não são capazes de conter e por isso adereçam um currículo de raça e gênero à elas. Então cria-se um tipo de intervenção e várias formas de controle e, como sabem eu fico indignado com isso por restringir a independência intelectual das professoras e tirar delas a oportunidade de exercitarem e executarem seus próprios julgamentos como profissionais. Isso não é um problema de jurisdição profissional como eles querem que o público pense, é um controle curricular que só pode ser entendido tanto como racial quanto como de gênero.

**Teias/ABdC:** E o que é um Queer Curriculum?

**William F. Pinar:** Muita gente falou disso no final dos anos 90. Eu não acho que seja terrivelmente diferente de um currículo cosmopolita, como prefiro chamar atualmente, pois é algo que te desfamiliariza com o que é óbvio e cotidiano e te faz mais íntimo e acessível. Eu imagino

---

<sup>4</sup> Em outro momento da entrevista, Bill acrescentaria que por motivos também similares as enfermeiras sofrem situação semelhante à das professoras.

---

que quando nos fundimos com o que somos perdemos a capacidade de ver o diferente. Então nos tornamos incapazes de experimentar a singularidade. E é uma coisa paradoxal, pois para entender-se como singular você precisa distanciar-se de si mesmo. Isso é *queer*. E esta postura, cosmopolita, nos permite, numa perspectiva individual, potencializar as questões da intimidade e também, numa perspectiva de cosmopolitanismo, nos fornece uma nova lista de *como ser legal com todo mundo*. Creio que isso cria uma subjetividade expandida em que a alteridade se torna mais real, mais articulada e mais reconhecida. Quanto mais espaço de mobilidade temos internamente, mais espaço de mobilidade temos externamente.

Hoje em dia, mais que um currículo *queer* – que defendíamos numa perspectiva de tornar *queer* mesmo os professores heterossexuais – o *queer* é um corpo, um conjunto de comportamentos e atitudes. No Canadá, mesmo os jovens heterossexuais se identificam como *queer*, pois dá a impressão que eles são destemidos, não convencionais, interessantes.

*Recebido em: 12/12/2013*  
*Aceito em: 12/12/2013*